

CURADORIAS COMPARTILHADAS:
UM ESTUDO SOBRE AS EXPOSIÇÕES REALIZADAS NO MUSEU DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (2002 A 2009)

Maria Cristina Padilha Leitzke, Zita Rosane Possamai

Resumo

O foco deste estudo são as curadorias compartilhadas no Museu da UFRGS, no período de 2002 a 2009, realizado por meio de um estudo de caso, constituído pela análise das curadorias referentes a quatro exposições: *Artistas Professores* (2002), *Total Presença: Gravura* (2005), *Homem-Natureza: cultura, biodiversidade e sustentabilidade* (2006) e *Em casa, no universo* (2009). Para a realização do estudo proposto foram utilizadas fontes escritas e orais. O referencial teórico abarca autores da história da educação e da história cultural, da historicidade e dinâmica dos museus, bem como estudos recentes sobre curadorias em museus. O objeto de pesquisa constituiu-se, inicialmente, numa primeira aproximação com os catálogos e demais materiais impressos, disponíveis no arquivo do museu, resultado das exposições realizadas. Logo em seguida, foram feitas as entrevistas com os agentes internos e externos ao museu, envolvidos na concepção, produção e realização destas exposições. Por meio da análise destas narrativas buscou-se identificar as experiências dos professores-pesquisadores com curadorias, bem como evidenciar alguns elementos que corroboram ou negam a assertiva de que as curadorias no museu da UFRGS podem ser consideradas curadorias compartilhadas. Além disso, procurou-se saber acerca da atuação dos professores-pesquisadores da Universidade como curadores de exposições, bem como sobre as representações destes docentes, com relação ao museu da UFRGS. Os resultados apontam no sentido de que as exposições realizadas no Museu da UFRGS podem ser caracterizadas como casos de curadorias compartilhadas, principalmente, com relação às curadorias das exposições de ciências.

Palavras-chave: curadorias; museus; educação; exposições

Abstract

The focus of this study is the shared curatorial at the Museum of UFRGS, from 2002 to 2009, carried out through a case study, consisting of the analysis of curatorial from four exhibitions: Artists Teachers(2002), Total Presence: Illustrations (2005), Nature Man: Culture, Biodiversity and Sustainability (2006) and At Home: in the Universe (2009). To carry out the study, written and oral sources were used. The theoretical reference embraces authors from the history of education and cultural history, from historicity and museums dynamic, as well as recent studies about curatorial in museums. The object of this research initially consisted of a first approach to the catalogs and other printed materials available in the archive of the museum from previous exhibitions. Thereafter, interviews were made with people inside and outside the museum that were involved in the design, production and implementation of these exhibitions. Through the analysis of these narratives we sought to identify the experiences of researchers and professors with curatorial and highlight some elements that corroborate or deny the statement that the curatorial of the Museum of UFRGS can be considered shared curatorial. In addition, we sought to know about the performance of professors and researchers of the University as curators of exhibitions, as well as the representations of these professors, regarding the Museum of UFRGS. The results imply that the exhibitions held at the Museum of UFRGS can be characterized as forms of shared curatorial, especially with respect to the curatorial of science exhibitions.

Keywords: curatorial; museums; education; exhibitions

1. INTRODUÇÃO

O Museu da UFRGS surgiu da aspiração de um grupo de professores da Universidade interessado na divulgação do saber técnico-científico-cultural, produzido no âmbito da academia integrando-a com a sociedade. Concebido com a proposta de pesquisar, difundir e valorizar o patrimônio cultural da Universidade através de seus diferentes acervos, entendendo como acervo o patrimônio intelectual/cultural produzido na universidade e, também, estabelecer parcerias com outras instituições de caráter científico cultural.

Criado como órgão suplementar da Universidade Federal do Rio Grande do Sul¹, atualmente está ligado à Pró-Reitoria de Extensão. Consta como um dos primeiros objetivos deste projeto inicial “Integrar a Universidade à comunidade, mediante a programação de ações conjuntas para mostrar à população o desenvolvimento tecnológico, científico, humanístico e artístico [...]” (BERED, 2004, p. 2). No período compreendido entre os anos de 1984 a 2009 foram promovidas mais de cem exposições, em diferentes espaços físicos.

Portanto, percebe-se, desde a sua criação a preocupação em integrar a universidade à sociedade por meio da realização de atividades conjuntas, procurando divulgar as produções acadêmicas. Caracteriza-se, desde sua fundação, como Museu Universitário de caráter multidisciplinar, conforme se pode observar por meio de consultas junto a materiais impressos disponíveis nos arquivos deste museu.

No período compreendido entre 1987 e 1992 o Museu da UFRGS contou com a participação efetiva da docente e historiadora Sandra Jatahy Pesavento, como coordenadora do Núcleo de Documentação e Memória Social. O núcleo desenvolveu pesquisas, coleta de acervos e exposições nos espaços do Museu até 1992, quando foi transferido para essa instituição.

“Enquanto coordenou o Núcleo de Documentação e Memória Social, Sandra Pesavento propôs a realização de exposições concernentes a sua linha de pesquisa no Departamento de História, onde ingressara em 1970. Nessa perspectiva, as mostras orientadas pela historiadora e seu grupo de trabalho caracterizaram-se pela ênfase às problemáticas de cunho histórico. É nesse viés que reside uma das principais contribuições de Pesavento ao processo

1 Ligado ao gabinete do Reitor sob a direção de Profª Maria Helena Bered, docente da Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Portaria de criação do Museu da UFRGS n 892 de 28/08/1984.

museológico, pois consolida o museu como instituição produtora de conhecimento. As exposições realizadas foram amparadas em investigação científica, permitindo que – ultrapassado o período da mostra e adquirindo o formato de publicação – o conhecimento histórico gerado tenha se perpetuado como referência na produção histórica local, regional e nacional. Além disso, as pesquisas geraram acervo fotográfico que mais tarde foi incorporado ao Museu da UFRGS” (POSSAMAI, 2009, p.2).

A partir de agosto de 2002, o Museu passou a ocupar sede própria, contando com espaço para reserva técnica, salas para a realização de exposições e equipamentos para receber o público com deficiência. O prédio que recebeu a instituição foi restaurado e adequado para as instalações de um museu, graças ao Projeto de Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS. O Museu da UFRGS está localizado no campus centro da Universidade integrando um conjunto arquitetônico que faz parte da paisagem da cidade de Porto Alegre.

A seguir uma das imagens produzidas no dia 16 de agosto de 2002, data em que o Museu da UFRGS passou a contar com sede própria (Fig. 1).



Figura 1- Fachada do prédio do Museu da UFRGS, 2002, Porto Alegre – RS.
Fonte: Divulgação Museu da UFRGS.

As exposições realizadas pelo museu no período em estudo foram concebidas por um grupo constituído de técnicos do museu, professores pesquisadores, e outros profissionais, que após incessantes reuniões, estabeleceram o fio-condutor, ou também a chamada linha transversal, que serviu de eixo articulador entre as diferentes unidades da universidade. Após essa fase de elaboração, acontece o desenvolvimento dessa ação e a proposição de cursos preparatórios para formação de professores e mediadores. Assim como em outros museus, existe uma preocupação com o desenvolvimento de ações educativas voltadas para as escolas de ensino infantil, fundamental e médio e para as universidades.

Segundo Marília Cury “as exposições museológicas são alvo de atenção, pois depositam em si grande parcela da responsabilidade social dos museus, pois se constituem na interface entre a instituição e o público” (CURY, 2005, p. 115).

A comunicação não está restrita ao processo de montagem das exposições. Ela é parte integrante do processo museológico, ou seja, desde o momento em que começa o planejamento, passando por todo o processo de concepção-criação-divulgação-produção a exposição é, ao mesmo tempo, produto de um trabalho interativo, rico, cheio de vitalidade, de afetividade, de criatividade, de reflexão, de técnicas, de dedicação.

Para a concepção e promoção das exposições realizadas no Museu da UFRGS a instituição interage tanto como uma motivadora na proposição de ações como uma articuladora ao acolher as propostas que venham a ser apresentadas por professores, alunos e técnicos da universidade.

2. CURADORIAS REALIZADAS NO PERÍODO DE 2002-2009

A escolha realizada contemplou as exposições realizadas pelo Museu da UFRGS, no período de 2002 a 2009 e cujas curadorias contaram com a participação dos professores/pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tal opção se deu em virtude de que o projeto de pesquisa que pretendo desenvolver busca investigar as práticas curatoriais junto ao Museu da Universidade, ou seja, tentar compreender como vem se constituindo o processo curatorial no Museu, segundo os professores/pesquisadores/curadores e equipe.

A pesquisa é desenvolvida pelos docentes e discentes da Universidade, vindo, então, a gerar, posteriormente, as exposições apresentadas pelo Museu. A equipe,

de certa forma, está envolvida, quando da concepção, realização, montagem e produção das exposições, ou ainda, quando são necessárias pesquisas ligadas ao acervo ou sobre os temas abordados. Este fazer museológico só é possível tendo em vista a articulação entre os conhecimentos, os saberes e os fazeres.

Numa teia de relações inter/transdisciplinares são concebidas exposições que procuram estabelecer alguns canais de comunicação com os visitantes. Tratam de dar visibilidade para os diferentes acervos² e conhecimentos científicos produzidos na Universidade.

A exposição inaugural do museu em sua nova sede, no ano de 2002, denominada *Artistas Professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul* teve a curadoria dos professores José Augusto Avancini e Maria Amélia Bulhões. Esta exposição foi constituída de obras da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes da UFRGS.

Ainda na área de artes foram promovidas as exposições: 1) *Sons da Universidade*; 2) *A Universidade da Fotografia*; 3) *Pequenos Diálogos – Arte e Intertextualidade*; 4) *Açores e Brasil: uma troca de experiências*; 5) *Total Presença – Gravura*.

Entre as exposições de ciência foram realizadas: 1) *Antes dos Dinossauros - A evolução da vida e seu registro fóssil no Rio Grande do Sul*; 2) *Exposição Homem Natureza: cultura, biodiversidade e sustentabilidade*; 3) *Visões da Terra: entre deuses e máquinas - qual o lugar da humanidade no mundo em que vivemos*; 4) *Exposição Em Casa, no Universo*. Estas três últimas exposições estabeleceram diálogo com a área de artes.

Contemplando a área de história/memória foi realizada a exposição *UFRGS: (in) visíveis lugares serestarficar*.

Foram promovidas pelo Museu, no período de 2002-2009, 11 exposições que contaram com a curadoria de professores/pesquisadores e da direção e equipe do museu. Deste total, seis tiveram como tema arte, uma memória/história e quatro ciências.

2 Além do acervo do Museu da UFRGS existem outros setores na Universidade que se caracterizam como museus, tais como: Museu do Motor, Museu da Paleontologia Irajá Damiani Pinto, Museu de Topografia Prof. Laureano Ibrahim Chaffe, Museu da Informática, Museu de Mineralogia Luis Englert, Museu de Ciências Naturais do Centro de Estudos Costeiros Limnológicos e Marinhos (CECLIMAR), Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, Centro de Memória do Esporte-CEME, Herbário Fitopatológico José Porfírio da Costa Neto, Planetário Prof. José Baptista Pereira, Observatório Astronômico e Rádio da Universidade.

Estiveram envolvidos com as curadorias em exposições realizadas no Museu da UFRGS, no período em estudo, 22 professores/pesquisadores da Universidade, oriundos das seguintes unidades acadêmicas: Instituto de Artes (6), Instituto de Geociências (6), Instituto de Física (4), Instituto de Biociências (2), Faculdade de Educação (2), Faculdade de Arquitetura (1), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (1).

É importante, ainda, ressaltar que a direção e equipe do Museu da UFRGS participaram ativamente tanto da concepção, como da realização e avaliação destas exposições. Neste sentido, a curadoria realizada no Museu da UFRGS distancia-se daquela onde a base para a realização das exposições são as pesquisas realizadas junto ao acervo do museu. Aproxima-se da proposta de uma curadoria de exposições nos moldes de narrativas. São exposições realizadas a partir da investigação acadêmica e não a partir de determinados acervos pertencentes ao museu.

Exposições estas constituídas por múltiplos olhares, permeadas por muitos saberes e fazeres, cujos discursos e narrativas foram construídos após muitos encontros entre professores curadores, direção e equipe do museu. E, ainda, entre equipe de produção e infraestrutura. Espaço de relação de troca, pois além de articular objetos e visitantes, conjuga pessoas e pessoas, ou seja, àquelas que fizeram os objetos, as que fizeram a exposição as que trabalham com o público, as que visitam o museu, as que não estão no museu, mas falam e escrevem sobre a exposição (SCHEINER, 2006).

De acordo com Maria Teresa Scheiner (2006) “[...] cada exposição representa, ainda, aspectos da visão de mundo dos grupos sociais aos quais se refere, expressando, em linguagem direta ou metafórica, os valores e traços culturais desses grupos.” (SCHEINER, 2006, p.2).

Esta autora argumenta ainda que os museus devem, pois, construir estratégias narrativas integrando passado e presente, e buscando apresentar os fatos a partir de uma ótica plural, que permita o máximo possível de interpretações. E que ao assumirem o compromisso com o rigor histórico e científico devem aliar-se ao uso equilibrado do design, buscando o desenvolvimento de soluções museográficas que sejam criativas e que não comprometam o papel ético do museu. Isto implica também no uso equilibrado dos recursos cenográficos, de multimídia e da dramatização, que deverão trabalhar a emoção dos visitantes, sem deixar-se cair perigosamente no exagero ou no pieguismo (SCHEINER, 2006).

A partir das possibilidades conceituais apresentadas, minha hipótese de investigação é que algumas curadorias no Museu da UFRGS caracterizam-se como curadorias compartilhadas. Por curadoria compartilhada entendo aquela onde os atores envolvidos dialogam, estabelecem o fio condutor da exposição, participam de encontros onde o diálogo é constante, fazendo com que sejam definidos os textos, os materiais a serem expostos. É o processo conjunto, desde a concepção, realização até a avaliação da exposição realizada. Assim, minha principal indagação é como pode ser caracterizada a curadoria no Museu da UFRGS. Pode-se considerá-la como curadoria compartilhada? Quais os elementos corroboram essa assertiva? Quais elementos negam esta hipótese?

3. CURADORIAS EM ESTUDO (2002 – 2009)

Após uma cuidadosa análise, de um total de onze exposições, realizadas pelo Museu da UFRGS no período de 2002 a 2009, constituídas por 22 curadores, professores-pesquisadores da Universidade, foram escolhidos, para integrar esta pesquisa quatro exposições e nove curadores: a) *Artistas Professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Constituída de obras da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes da UFRGS, esta exposição integrou as comemorações de instalação do Museu da UFRGS, em sua nova sede, no ano de 2002; b) *Total Presença – Gravura*. Esta exposição apresentou parte do acervo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes da UFRGS; c) *Homem Natureza: cultura, biodiversidade e sustentabilidade*; d) *Em Casa, no Universo*, com a curadoria de três professores e um técnico do Instituto de Física-UFRGS. Todas estas exposições contaram com a participação das direções e técnicos do Museu.

Segue um breve resumo de cada uma das exposições em estudo. Tenho a clareza de que não demonstram efetivamente o que foram estas exposições. Minha intenção, entretanto, é que estas informações apresentadas possam servir de bússola para guiar o leitor e, quem sabe, despertar o interesse para acessar o site www.museu.ufrgs.br, onde estão disponíveis os *hotsites* das exposições realizadas pelo Museu da UFRGS, contemplando um número maior de informações e de imagens.

No caso específico da exposição *Total Presença: gravura*, em virtude do projeto de pesquisa denominado *Informatização do Acervo Artístico e Documental da Pinacoteca Barão do Santo Ângelo - Instituto de Artes da UFRGS* é possível, ainda, ter acesso às imagens das obras de arte expostas, bem como biografia dos artistas por meio do site http://www6.ufrgs.br/acervoartes/modules/mastop_publish/?tac=Acervo.

Assim como na exposição *Total Presença: gravuras*, as obras apresentadas na exposição *Artistas Professores*, realizada no Museu da UFRGS no ano de 2002, também integram o acervo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes da UFRGS. Portanto, caso o leitor tenha interesse em saber mais sobre os artistas que participaram desta exposição, bem como rever as imagens das obras que foram expostas poderá fazer através do acesso ao site referido no parágrafo anterior.

A exposição *Homem-Natureza: cultura, biodiversidade e sustentabilidade* está disponível no site <http://www.museu.ufrgs.br/hotsite/natureza.php>. Ao acessar este percurso as pessoas podem ter acesso ao projeto, às atividades desenvolvidas, e, inclusive, algumas imagens e textos dos *Jardins Temáticos*, intervenções produzidas pelos artistas plásticos, especialmente para esta exposição.

Da mesma forma, parte da exposição *Em casa, no universo* pode ser acessada através do site <http://www.museu.ufrgs.br/emcasanouniverso/>.

A exposição de inauguração do Museu em sua nova sede foi constituída por obras do acervo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, do Instituto de Artes, com o objetivo de reafirmar o papel da universidade no panorama cultural da região. A mostra foi realizada tendo como fio condutor um percurso histórico, procurando evidenciar as características de cada época e o papel dessas produções em suas respectivas conjunturas. Exposição constituída de quatro módulos: 1) atividades iniciais da Escola de Artes, criada em 1910; 2) novo momento, com a penetração, a partir dos anos 40, de tendências modernistas que estabeleceram acirradas disputas com os acadêmicos; 3) anos 60 e 70, quando a Escola foi integrada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, defrontando-se com os desafios da consolidação do meio de arte local e de uma abertura à arte contemporânea internacional. 4) produção atual.

3.1 Total presença – gravura

A exposição *Total Presença - Gravura* foi o resultado parcial da pesquisa “Informatização do Acervo Artístico e Documental da Pinacoteca Barão do Santo Ângelo - Instituto de Artes da UFRGS”. Esta pesquisa contou com apoio da Fundação Vitae e com bolsistas de Iniciação Científica BIC e PIBIC/CNPq.

O princípio norteador desta mostra, segundo a curadora, consiste em tornar público a totalidade de gravuras desse acervo, em sua diversidade formal e técnica, sem qualquer recorte, seleção, valorização de artistas ou de obras. Estão presentes

artistas nacionais e estrangeiros, nas várias técnicas: xilogravura, litografia, gravura em metal e outras.

3.2 Homem natureza: cultura, biodiversidade e sustentabilidade

A exposição *Homem-Natureza: Cultura, Biodiversidade e Sustentabilidade* foi uma parceria entre a Copesul e o Museu da UFRGS. Foram apresentadas, em um ambiente multimídia composto por fotos, painéis, imagens e aromas, parte da coleção do Herbário do Instituto de Ciências Naturais da UFRGS e uma amostra da Mata Atlântica, entre outros recursos. A mostra apresentou-se também como um projeto que englobou um seminário internacional, um ciclo de filmes e a instalação de quatro jardins temáticos nos *campi* da UFRGS.

3.3 Em casa, no universo

A exposição *Em Casa, No Universo* apresentou um pouco da história da Astronomia, com ênfase em Galileu e no telescópio, contemplando questões atuais e enfocando aspectos da pesquisa contemporânea em Astrofísica bem como a participação do Brasil e da UFRGS neste contexto. Integrou as comemorações do Ano Internacional da Astronomia (AIA, 2009), declarado pela Assembleia Geral da ONU, seguindo proposta feita pela UNESCO.

4. CONCEITO DE CAMPO E HABITUS: BREVES COMENTÁRIOS

Desconsiderar a relação de forças, e as tensões, exercidas por meio dos jogos engendrados pelos diferentes atores sociais envolvidos na realização destas curatorias, ora em estudo, seria um equívoco.

Como abordar o tema curadoria em museu universitário sem refletir sobre conceitos de *campo* e *habitus* que podem contribuir para refletir sobre o tema em questão?

Ao tecer algumas considerações acerca destes conceitos, tendo como base teórica a obra de Pierre Bourdieu, a intenção não é a de oferecer respostas definitivas, muito pelo contrário, é problematizar este tema tão referido pelas ciências humanas e ao mesmo tempo tão controverso: a relação entre indivíduo e sociedade.

Pierre Bourdieu, ao estabelecer diálogos com os clássicos, tais como Émile Durkheim e Max Weber, apresenta uma possível alternativa teórico-metodológica

para a compreensão da relação sujeito-sociedade. O autor, tanto reconhece o papel das estruturas na explicação sociológica, como elucida o lugar dos agentes. O que se percebe é que o trabalho deste autor busca superar algumas oposições existentes entre a abordagem estruturalista e a fenomenologia. De acordo com Bourdieu (1990, p.50), estas “falsas oposições” estão relacionadas, em parte, “[...] ao esforço, para constituir como teorias, posturas ligadas à posse de diferentes espécies de capital cultural”.

De acordo com o autor, as estruturas sociais por si só não determinam a vida em sociedade. Pierre Bourdieu introduz a dimensão individual, o agente social – decorrendo daí a importância do conceito de *habitus*. O autor acaba por estabelecer uma reação contra o estruturalismo, pondo em evidência as capacidades criadoras, ativas, inventivas do *habitus* e do agente. Refere o autor, “O *habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um haver, um capital [...], o *habitus* a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural [...]” (1989, p.61).

Portanto, não é uma mera consequência das determinações da estrutura social. Ao internalizar regras e normas sociais, o autor ressalta que existem aspectos das condutas dos diferentes agentes que não são previsíveis. Pode-se comparar a um jogo, onde são ditas as regras, mas que existem possibilidades de improvisar. O que se vê são possibilidades de “[...] recusa a toda uma série de alternativas nas quais a ciência social encerrou-se, a da consciência (ou do sujeito) e do inconsciente, a do finalismo e do mecanicismo” (BOURDIEU, 1989, p.60).

Em síntese, o conceito de *habitus* possibilita romper com as interpretações deterministas e unidimensionais das práticas. Os agentes são ativos, produtos da história do campo social e de experiências acumuladas por meio de vivências individuais. Alguns espaços, como a família, a escola, grupo de amigos, os museus, acabam por ajudar nestas determinações e reações. Apesar de serem constituídos por diferentes relações de poder estes espaços possibilitam trocas, vivências e, portanto a constituição de novos *habitus*.

Para Bourdieu, os campos possuem princípios e regras próprios, bem como hierarquias. Constituídos por redes de relações ou de oposições entre os atores sociais que os integram, os campos são definidos a partir dos conflitos e das tensões no que diz respeito à sua própria delimitação. Para melhor compreender este “microcosmo autônomo, dentro de um macrocosmo social”, talvez se possa estabelecer uma comparação com os campos magnéticos em física. Lugar de luta, de relações de forças, de poder, de tensões e de diferentes jogos engendrados por aqueles que

fazem parte de um determinado campo, como por exemplo, os campos científicos, artísticos e culturais. Evidentemente toda esta luta se trava no plano simbólico: a violência simbólica, outro mecanismo central na obra de Bourdieu, que não está sendo focado nesta dissertação. Entretanto, merece ser mencionado, uma vez que, de certa forma, os museus são dotados de representações e significados.

Ademais, a noção de sociedade presente na obra de Pierre Bourdieu é substituída pela noção de mundo social, e a noção de estrutura social é substituída pela noção de campo. Para este autor o espaço social é composto por campos, constituídos por diversas forças sociais atuantes, quer seja dos agentes ou vinculadas às estruturas existentes. A posição destes agentes no campo se apresenta definida pelo modo como se relacionam entre si. Como por exemplo, em um campo acadêmico, as regras de valorização dos indivíduos e estruturas que se dá a partir da posse de capital cultural dos mesmos. Percebe-se, ainda, que nesta perspectiva, existem relações de conflito, força e poder. Numa interrelação de indivíduos, estruturas, *habitus* e tipos de capital com regras pertinentes a cada campo do mundo social, os agentes jogam ou atuam segundo sua posição, neste espaço delimitado por suas próprias regras e hierarquia.

No campo museal (POSSAMAI, 2001), particularmente dos museus universitários, este jogo acima referido, possui vários atores sociais, tais como: docentes, discentes, técnico-administrativos, pessoas da sociedade em geral que frequentam estes espaços. Numa teia de relações inter/transdisciplinares estes atores estabelecem relações de trocas, parcerias, compartilhamentos. Evidentemente, que relações estas permeadas por diversos interesses, seja o de socializar o conhecimento produzido no âmbito acadêmico, seja o de mostrar o que vem sendo pesquisado nas diferentes áreas do saber da Universidade. A própria escolha do tema a ser trabalhado nas exposições do museu se caracteriza como um momento de disputa, uma vez que privilegia algumas áreas em detrimento de outras. Após este momento inicial, seguem-se outros, onde professores pesquisadores passam a exercer a função de curadores e, encontram na equipe do museu, profissionais que se dedicam a este fazer museológico, há bastante tempo. Neste momento, acontece, outro tipo de disputa: de um lado docentes inexperientes no que diz respeito às linguagens museológicas, mas com vontade de colaborar para a difusão do conhecimento e de outra parte uma equipe com toda uma prática e disposta a somar para que as exposições sejam adequadas aos padrões contemporâneos da museologia.

Pode-se dizer que, de certa forma, no campo artístico das curadorias, existe uma trajetória com relação à atuação dos professores-pesquisadores com

curadorias, quer seja vinculada às exposições em bienais, galerias e, mesmo em museus. Consequentemente os professores desta área estão mais habituados com o desempenho desta função de curador. O mesmo não se percebe na prática dos docentes de outras áreas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como seres sociais, no nosso dia-a-dia, compartilhamos saberes e fazeres, mesmo que estejamos vivendo, na contemporaneidade, um período de grandes turbulências em nossa sociedade. Caos que termina por proporcionar novas buscas, novas trocas, e principalmente ações criativas e em conjunto, na busca de quebra de paradigmas. Numa sociedade onde a ênfase é o conhecimento, caracterizando-se como ambiente desafiador acaba fazendo com que as pessoas busquem e utilizem novas informações como também venham a desenvolver o hábito de compartilhar.

Nos últimos anos, as universidades estão, cada vez mais, se dando conta da importância da troca, tanto entre áreas do conhecimento como com a sociedade. Observam-se diferentes propostas de ações interdisciplinares. Ou ainda, nas palavras de Boaventura de Sousa Santos (2010), quando utiliza a expressão: do conhecimento universitário ao conhecimento pluriversitário. O autor ao discorrer sobre a universidade no século XXI, diz: “[...] o conhecimento pluriversitário é um conhecimento contextual na medida em que o princípio organizador da sua produção é a aplicação que lhe pode ser dada.” (p. 42) Cabe referir, ainda, que este mesmo autor utiliza o termo “resultado de uma partilha entre pesquisadores e utilizadores”.

Os museus, principalmente os universitários, não poderiam ficar alheios a todas estas transformações, principalmente quando almejam o desenvolvimento de projetos sociais e coletivos. Diante disto surgem várias possibilidades de projetos que passam a dar conta de uma proposta de ação-reflexão, proporcionando, tanto para as equipes dos museus como para aqueles que venham a atuar junto a estas instituições, um maior crescimento. Um exemplo de proposta desta natureza são as curadorias compartilhadas.

Muitas vezes ocorreram momentos de tensão, de conflito, de força e de poder, inevitáveis, numa interrelação de indivíduos, estruturas e *habitus*, com regras pertinentes a cada campo do mundo social. Os agentes, neste caso, internos e externos ao museu, jogam ou atuam segundo sua posição, neste espaço de construção de curadorias compartilhadas.

Referências

ALMEIDA, Adriana Mortara. **Museus e Coleções Universitários: Por que Museus de Arte na Universidade de São Paulo?** 2001. 238 f. Tese (Doutorado em Ciências da Informação e Documentação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

ALMEIDA, Adriana Mortara; MARANDINO, Martha; VALENTE, Maria Esther Alvarez. **Museu: lugar do público.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

ALVES, Cauê. A curadoria como historicidade viva. In: Ramos, A.D. (Org.). **Sobre o ofício do curador.** Porto Alegre: Zouk, 2010, p.43-58.

ARAÚJO, M. M.; BRUNO, M. C. O. (Orgs.). **A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos.** Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro, v.19, p. 18 a 29, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 set. de 2011.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte: os museus de arte e seu público.** São Paulo: Edusp, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p.89-94. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/GR8AtGf8/Bourdieu_Pierre_-_Algumas_Prop.html>. Acesso em: 15 ago. 2011.

BRUNO, MariaCristina. **Museologia e Comunicação.** Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, 1996. (Cadernos de Sociomuseologia, n. 9). Disponível em: <http://www.museumonteredondo.net/Cadernos_pdf/Cadernos_09_1996.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2011.

BRUNO, Maria Cristina; ARAÚJO, Marcelo. Exposição museológica: uma linguagem para o futuro. In: **Cadernos Museológicos.** Rio de Janeiro: Secretaria de Cultura da Presidência da República, Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, v.1 & 2, p. 12-17, 1989.

BRUNO, Maria Cristina. Definição de Curadoria – Os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial. In: JULIÃO, Letícia (Coordenadora). **Cadernos de Diretrizes Museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa.** Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008, p. 15 - 23.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação.** São Paulo: Annablume, 2005.

OBRIST, Hans Ulrich. **Uma breve história da curadoria.** São Paulo: BEI Comunicação, 2010.

POMIAN, K. Coleção. In: **ENCICLOPÉDIA** Einaudi. Porto: Imprensa nacional – Casa da Moeda, 1984, p. 51-86.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cultura e representações, uma trajetória**. Texto original da conferência proferida no dia 18 de abril de 2006, por ocasião da inauguração das comemorações dos 20 anos do PPG em História da UFRGS. Disponível em: <www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/sandra1.htm>. Acesso em: mar. 2011.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Nos bastidores do museu: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre**. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

POSSAMAI, Zita Rosane. Uma mirada para o visual. **Revista de História e Estudos Culturais**. [S.I], v. 6, n. 4, p. 1-17, 2010. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF21/DOSSIE_05_Zita_Rosane_Possamai.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2010.

POSSAMAI, Zita Rosane. **“Lições de Coisas” no Museu: o método intuitivo e o Museu do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, nas primeiras décadas do século XX**. VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, São Luis do Maranhão, Brasil, 2010.

RAMOS, Alexandre Dias (Org.). **Sobre o ofício do curador**. Porto Alegre: Zouk, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Museus Universitários Brasileiros: novas perspectivas**. Texto apresentado no IV Encontro do Fórum Permanente de Museus Universitários e II Simpósio de Museologia na UFM “Museus Universitários – Ciência, Cultura e Promoção Social”, realizado em Belo Horizonte – MG, no período de 24 a 28 de agosto de 2006a. Disponível em: <[http://www.icom.org.br/Texto_Museus_Universit%C3%83%C2%A1rios_Maria_C%C3%83%C2%A9lia\[1\].pdf](http://www.icom.org.br/Texto_Museus_Universit%C3%83%C2%A1rios_Maria_C%C3%83%C2%A9lia[1].pdf)>. Acesso em: 25 mai. 2011.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Encontros museológicos: Reflexões sobre a museologia, a educação e o museu**. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN/DEMU, 2008.

SCHEINER, Tereza. **Pensando a Exposição - textos selecionados para museografia**. Universidade do Rio de Janeiro. 1996.

SCHEINER, Tereza. Comunicação, Educação, Exposição: novos saberes, novos sentidos. **Semiosfera**. Ano 3, nº 4-5. Disponível em: <http://www.semiosfera.eco.ufrj.br/antiores/semiosfera45/conteudo_rep_tscheiner.htm>. Acesso em: 28 set. 2011.